

PAULO DE TARSO  
NA FILOSOFIA POLÍTICA ATUAL  
E OUTROS ENSAIOS

## Coleção **NOVOS CAMINHOS DA TEOLOGIA**

---

Coordenação: **Jung Mo Sung**

- *Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres*, Jung Mo Sung; Hugo Assmann
- *Fé e viagens no mundo globalizado*, Joerg Rieger
- *Futuro da fé (O)*, Harvey Cox
- *Globalização, gênero e construção da paz*, Kwok Pui-Lan
- *Maldição que pesa sobre a lei (A): as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*, Franz Hinkelammert
- *Mercado versus direitos humanos*, Franz Hinkelammert
- *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*, Enrique Dussel
- *Teologia do processo: uma introdução básica*, C. Robert Mesle
- *Um Jesus popular: para uma cristologia narrativa*, Néstor Míguez

ENRIQUE DUSSEL

**PAULO DE TARSO  
NA FILOSOFIA POLÍTICA ATUAL  
E OUTROS ENSAIOS**



Título original: *Pablo de Tarso en la filosofía política actual, y otros ensayos*

© Enrique Dussel, 2013

Tradução: Luiz Alexandre Solano Rossi

Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos

Revisão: Caio Pereira

Iranildo Bezerra Lopes

David Brendo Silva

Diagramação: Dirlene França Nobre da Silva

Capa: Marcelo Campanhã

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dussel, Enrique

Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios / Enrique Dussel. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Novos caminhos da teologia.

ISBN 978-85-349-4119-8

1. Filosofia - Ensaios 2. Filosofia política 3. Paulo. Apóstolo, Santo - Teologia I. Título. II. Série.

15-03196

CDD-320.01

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia política 320.01

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4119-8

## INTRODUÇÃO

**E**ste conjunto de trabalhos recentes mostra alguns aspectos dos temas que estão sendo tratados na filosofia atual.

Em primeiro lugar, queria chamar a atenção para uma mudança de narrativa na filosofia atual. Certos temas tabus na tradição secularista do Iluminismo vão perdendo sua agressividade, e se inicia uma maneira de encarar a realidade cultural com novos olhos. O fato de os povos originários terem entrado nos debates políticos (como em Chiapas ou na Bolívia) desperta a atenção ao abordar com mais cuidado o imaginário popular. Esta temática, unida a uma busca pela origem da cultura ocidental, que não pode se referir, nem única nem principalmente, à filosofia helênica ou romana, apresenta a possibilidade de abordar novos problemas. Se a isso acrescentarmos o interesse que o pensamento de Walter Benjamin, muito estudado na atualidade, tem despertado devido ao seu "materialismo messiânico" (um marxismo definido a partir de uma tradição judaica com influências religiosas inevitáveis, especialmente pela influência de seu amigo G. Scholem), percebe-se o surgimento de uma mudança favorável ao retorno das temáticas esquecidas às quais, no entanto, eu

pessoalmente tenho prestado grande atenção desde a minha juventude. O tabu de não se poder tocar em temas rotulados, e por isso negados, religiosos ou teológicos, impediu a filosofia de se fazer responsável pelos textos fundamentais da cultura ocidental, de um lado, e pela cultura latino-americana (com respeito aos povos originários), de outro. Ambas as vertentes exigem de nós, portanto, uma revisão da história, da metodologia e da temática filosófica. O conjunto de propostas incluídas neste livro segue nesse sentido inovador que, no entanto, é um retorno às mais antigas fontes.

O primeiro dos trabalhos aqui apresentado ("Paulo de Tarso e a Filosofia Política") é uma contribuição filosófica a uma questão que tem despertado a atenção da filosofia política a partir dos trabalhos de Alain Badiou sobre o "acontecimento" (*événement*) instaurador de um novo mundo. O filósofo francês tomou Paulo de Tarso como exemplo de um acontecimento fundador da cultura ocidental, a partir de uma interpretação puramente filosófica. A partir dessa hipótese, abriu-se uma ampla gama de trabalhos que estudam a questão. Portanto, entro nesse debate a partir da América Latina, mostrando o modo como nós, diferentemente dos europeus, encaramos essa problemática inovadora.

O segundo trabalho ("Da fraternidade à solidariedade"), inspirado na filosofia de Emmanuel Lévinas, mas que recebe também a inclinação própria da filosofia política latino-americana, mostra a riqueza das hipóteses do que chamamos Filosofia Política da Libertação. O "amigo-inimigo", exposto por Carl Schmitt e comentado por J. Derrida, é excedido em uma nova dialética implantada a partir da opção pela

amizade do inimigo do sistema (o temível oprimido), que torna a antiga amizade em inimizade e instaura o amor da solidariedade pelos oprimidos e excluídos, muito além da fraternidade proposta pela Revolução Francesa burguesa.

A terceira contribuição ("Sistema-mundo e Transmodernidade") é um primeiro passo, desde a categoria de Sistema-mundo (o *World System* de I. Wallerstein) para o conceito de "transmodernidade", que será tratado posteriormente com maior extensão em outras exposições. Esse conceito foi adquirindo importância a tal ponto que se lançou uma revista eletrônica com o título de *Transmodernity*, fundada pelo filósofo latino Nelson Maldonado-Torres. É uma crítica à modernidade, à pós-modernidade e a outras posições filosóficas em voga.

No último Congresso Mundial de Filosofia de Seul (Coreia, 2009), num painel plenário sobre a História da Filosofia, onde todos os participantes se fizeram presentes, apresentei como conferência o trabalho incluído na quarta contribuição ("Uma nova Idade na história da filosofia"). Tenho a pretensão de que estamos iniciando, pela primeira vez na história, uma nova Idade na história da filosofia: a da filosofia mundial. Trabalhos posteriores seguem elaborando a mesma temática, depois de haver realizado – organizado pela UNESCO, em julho de 2012 em Marrakech (Marrocos) – o I Congresso Interfilosófico Sul-Sul, seguindo em linhas gerais as hipóteses dessa conferência.

A última das contribuições ("Teses sobre o populismo") é uma conferência apresentada num círculo de estudos da equipe de filosofia política de CLACSO, realizado em Bogotá, sobre o tema do "po-

pulismo". Creio que essas teses são um bom início para a discussão de uma questão que sempre mantém extrema atualidade.

Estes cinco trabalhos dão alguma noção da temática, principalmente na filosofia política e da cultura, que venho estudando nos últimos anos.

*Enrique Dussel*

Capítulo 1

**PAULO DE TARSO  
NA FILOSOFIA POLÍTICA ATUAL**

Neste trabalho, desejamos repensar uma temática de grande atualidade na filosofia política das últimas décadas. Deveremos, por razões epistemológicas, tratar agora de maneira diferente temas habituais em voga na Europa e nos Estados Unidos.

Inesperadamente, a filosofia política assumiu hoje um tema que, desde o Iluminismo, havia sido deixado de lado. O próprio Kant, em sua obra *A religião dentro dos limites da pura razão*,<sup>1</sup> escreveu com alguma precisão sobre a questão. Em sua obra *O conflito das faculdades*,<sup>2</sup> distinguiu muito bem as tarefas da *faculdade* de teologia da de filosofia. Em seu tempo, e há séculos (tanto na Europa latino-germânica quanto no mundo bizantino ou muçulmano), as grandes faculdades haviam sido as de teologia e de direito. Somente com o Iluminismo a faculdade de filosofia (e sobretudo com a fundação da Universidade de Berlim por von Humboldt) assume o caráter de faculdade *fundamental* de toda universidade. Em um apêndice<sup>3</sup> do primeiro capítulo da última obra citada, Kant esboça o *conflito*

---

<sup>1</sup> KANT, 1968, vol. 7, p. 645ss.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 9, p. 263ss.

<sup>3</sup> I, II (p. 300ss).

to entre a faculdade de teologia e a de filosofia como um problema de "interpretações". Para o filósofo de Königsberg, "o teólogo bíblico é, propriamente dito, o sábio da Escritura (*Schriftgelehrte*) para a fé da Igreja",<sup>4</sup> enquanto, perante a Escritura (ou a chamada "Bíblia"), o filósofo "é o sábio da razão (*Vernunftgelehrte*) [...] que se baseia nas leis interiores que podem ser deduzidas da própria razão de cada ser humano".<sup>5</sup> E, depois de longas argumentações, conclui que "é assim que devem se realizar todas as *interpretações da Escritura* (*Schriftauslegungen*);<sup>6</sup> ou seja, os textos da Escritura judaico-cristã (e o mesmo pode se dizer do *Livro dos mortos* do Egito, dos *Upanishads* na Índia, do *Corpus* dos livros budistas, do *Corão* islâmico ou de outros textos tidos por suas comunidades respectivas como sagrados, frequentemente como revelados), mantidos na organização universitária da faculdade de teologia (nas universidades germano-anglo-saxônicas, porque, na Europa latina, essas faculdades desapareceram das universidades públicas por conhecidas razões históricas). Na faculdade de filosofia, a partir do Iluminismo, é possível ensinar, levando-se em consideração livros que consistem em extensas narrativas racionais baseados em símbolos, como a *Ilíada* ou a *Odisseia*, de Homero, a *Teogonia*, de Hesíodo, que são textos religiosos "cheios de deuses", porém considerados aptos para o cumprimento das interpretações filosóficas. Pelo contrário, há interdição absoluta para se usar ou interpretar filosoficamente (como se fossem intrinsecamente teológicos) textos da Bíblia judaico-cristã, tais como o Êxodo, o Evangelho de João ou a Carta aos Romanos, de Paulo de Tarso.

---

<sup>4</sup> *Ibid.*, I, A 44; p. 300.

<sup>5</sup> *Idem.*

<sup>6</sup> *Ibid.*, A 70; p. 314.

O desafio atual é o de extrair essas enferrujadas narrativas simbólicas ("teológicas" para o secularismo jacobino ilustrado) do local onde são mantidas e estudadas, na faculdade de teologia, e situá-las pela primeira vez na faculdade de filosofia, efetuando sobre elas uma *hermenêutica*, uma interpretação "estritamente filosófica". E ainda mais, transcendendo as meditações kantianas sobre o assunto, desejamos esclarecer a questão de maneira diferente e com maior precisão.

Em primeiro lugar, a) como pertencentes à língua cotidiana histórica, esses textos simbólicos, religiosos e, em alguns casos, até místicos devem ser definidos como "narrativas racionais baseadas em símbolos", no sentido de que constituem *mitos*, tal como definido por Paul Ricoeur.<sup>7</sup> Em segundo lugar, essas narrativas podem sofrer uma dupla hermenêutica ou interpretação: por um lado, b.1) *teológica*, isto é, e como indicava Kant, efetuada a partir da convicção subjetiva (que podemos chamar "fé religiosa"), c.1) tendo em vista uma comunidade religiosa (a chamada "Igreja" por Kant). Ou, de outro lado, b.2) *filosoficamente*, tomar o texto ou a narrativa racional, tendo como base os símbolos, a fim de descobrir seu sentido último racional, e as categorias teórico-universais implícitas que tais textos incluem (denominadas por Kant "conceitos determinados da razão"<sup>8</sup>), c.2) tendo em vista uma comunidade secular.

---

<sup>7</sup> Um mito é uma narrativa racional tendo como base os símbolos, como exposto por Paul Ricoeur, seja religiosos ou não.

<sup>8</sup> *Ibid.*, A 65; p. 312: "Begriffe ver Vernunft", interpretados a partir das "representações simbólicas" (*symbolischen Vorstellungen*). Um pouco mais adiante escreve Kant: "Este livro [as Escrituras...] pode ser interpretado (*ausgelegt*) teoricamente [...] segundo conceitos racionais práticos" (*ibid.*).